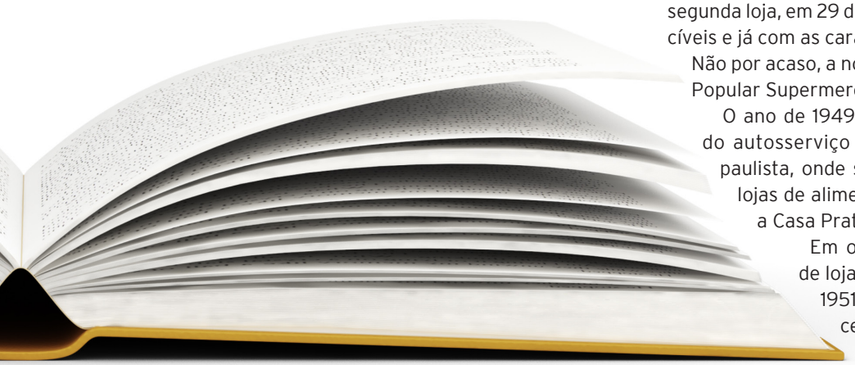
Na Rua Araújo, no número 154, quase esquina com a Rua Major Sertório, em São Paulo, ficava o Clube de Xadrez de São Paulo (CXSP), que eu costumava frequentar. Estudava bem ao lado, no tradicional Colégio Caetano de Campos. Este clube foi fundado em 1902 e existe até hoje nesse mesmo local.

Guardo, de forma bem clara, a lembrança de estar jogando, sentado de frente para a janela. Observei, na época, uma loja de carnes que, pela fachada, pareceu-me ser diferente das demais e, ao visitá-la, percebi essas diferenças e seu formato me atraiu. Você entrava e, com toda a liberdade, circulava pelo estabelecimento, mexia nos produtos, selecionava e pagava na saída. Fiquei encantado com aquilo, embora ainda não entendesse porque aquele estabelecimento estava à frente de seu tempo. A experiência me marcou de forma profunda e, inconscientemente, contribuiu para eu me tornar o supermercadista que me tornei.

Casa Araújo

O fato é que, com base em minhas pesquisas, é possível dizer que essa loja paulistana, a partir de 8 de setembro de 1947, foi a primeira experiência com o autosserviço alimentar no Brasil. Ela começou como Casa Araújo, mas, dois anos depois, viria a chamar-se Loja Araújo. Localizada na Rua Araújo, 155, na capital paulista, a loja pertencia ao frigorífico Wilson e fora concebida para tornar mais conhecida a sua marca e aumentar suas vendas. O frigorífico escolheu adotar o modelo de autosserviço para sua pequena e limitada mercearia conjugada a uma seção de carnes a serviço (açougue).

Contudo, a aventura do Frigorífero Wilson no varejo se encerraria em breve. Com problemas de abastecimento de carnes na cidade, os açougues de São Paulo, que eram tanto clientes quanto concorrentes do frigorífero, sentiram-se prejudicados, pois a loja continuava a ter carne e os açougues tinham muito pouco. Como essa concorrência se revelou desleal e, por isso, prejudicial à imagem do frigorífero, o Wilson resolveu deixar o varejo.



Assim, em 1949, o estabelecimento foi vendido para Raul J.P. Borges que, viajando para Chicago, no ano seguinte, a convite do mesmo Frigorífico Wilson, conheceu alguns supermercados. Ao voltar ao Brasil, Borges comprou balcões frigoríficos abertos e passou a operar a seção de carnes também em autosserviço. Mudou, então, o nome para Loja Araújo. Borges investiu; trouxe, por exemplo, da França, um especialista em cortes de carnes e empacotamento, o francês Fernando Caron.

O empresário desejava fazer do pequeno autosserviço um supermercado. Viu, no entanto, suas pretensões frustradas, sobretudo porque o imóvel de que dispunha era pequeno para acomodar um supermercado. Assim, em 1952, Borges vendeu o ponto, que passaria, a partir da venda, a chamar-se Casa Ricardo.

Mas Borges não desistiu do sonho e decidiu realizá-lo em outro ponto. Procurou, então, um velho colega, com o qual havia estudado em Portugal. Tratava-se de Fernando Pacheco de Castro, que, anos mais tarde, em 1968, seria um dos fundadores e o primeiro presidente da Associação Brasileira de Supermercados, a Abras, fundada no dia 11 de novembro daquele ano.

Ganhando fôlego

Enquanto a primeira experiência com o autosserviço foi de curta duração, a segunda foi um sucesso. Em junho de 1949, Sebastião Gomes Alexandre cede aos argumentos de José Luiz Sulliano, da NCR (National Caixas Registradoras), empresa fabricante de caixas registradoras, e, por razões óbvias (o desejo e a necessidade de vender mais caixas registradoras por loja), o maior incentivador, no Brasil, do modelo de autosserviço e de supermercados. Alexandre introduz o autosserviço em sua mercearia, cujo nome era Depósito Popular. A loja ficava na Rua Formosa, 387, em São Paulo, capital.

Após alguns anos de operação, Alexandre abre a segunda loja, em 29 de outubro de 1956, com mais perecíveis e já com as características de um supermercado. Não por acaso, a nova unidade se chamaria Deposito Popular Supermercado.

O ano de 1949 foi rico em termos de expansão do autosserviço brasileiro, sobretudo na capital paulista, onde surgiram, pelo menos, mais duas lojas de alimentação utilizando o autosserviço, a Casa Prata e a Casa Vilex.

Em outros lugares do País, esse tipo de loja surgiria pouco tempo depois. Em 1951, em Curitiba (PR), uma das mercearias da rede Demeterco adota o autosserviço. A loja tinha 250 m² de área de venda, quatro check-outs e uma linha de 1,5 mil produtos.

Em Porto Alegre (RS), em 1952, a mercearia Pereira & Oliveira, que tinha como um de seus sócios Joaquim Pereira de Oliveira, já experimentava o autosserviço. Um ano depois, surgiria, na capital gaúcha, desenvolvida por essa empresa, o primeiro supermercado do estado.

Também em Porto Alegre, por iniciativa da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comercio do Estado, em 12 de janeiro de 1953, surgiu a Campal, Companhia Rio-Grandense Reguladora do Comércio, que começou a operar lojas de alimentação em autosserviço. Não chegava a ser, mas era quase um supermercado. Suas lojas se assemelhavam ao que hoje chamamos de loja de sortimento limitado *(hard discount)*, formato cujo principal representante, atualmente, no Brasil, é o Dia%.

As lojas da Campal tinham tamanho pequeno, preços (baixos) e sortimento — de uma a duas marcas por item — muito reduzido. As lojas ficavam em bairros periféricos para atender consumidores de baixo poder aquisitivo. A companhia chegou a ter três unidades em 1953.

A exemplo do que se verificara em outros lugares do mundo, o autosserviço alimentar, em pouco tempo, vira um sucesso no Brasil. Os consumidores recebem-no muito bem e, não demora muito, algumas cooperativas de consumo do Estado de São Paulo passam a usá-lo. Entre elas, destaque para a Cooperativa dos Empregados da Tecelagem Parahyba, em São José dos Campos (SP) com uma loja de mil m² de área de venda, grande para a época. Clemente Gomes foi o responsável por fazer da loja tradicional (mercearia de balcão) um varejo alimentar de autosserviço, com características bem próximas de um supermercado.

Os primeiros estudos para a implantação do autosserviço, pela cooperativa, iniciaram-se em junho de 1952. A loja começou a funcionar em janeiro de 1953 e foi a primeira, no Brasil, a ter, por meio de fabricação própria, carrinhos de loja. A confecção dos carrinhos se baseou em desenhos feitos pela NCR, de Sulliano. A empresa também chegou a fabricar e vendê-los ao Depósito Popular, para o Sirva-se e para algumas outras lojas pioneiras.

O fato é que a loja da cooperativa estava muito próxima de ser um supermercado, no entanto, por só vender a seus cooperados, não pôde ser catalogada como tal, apesar de preencher todos os demais requisitos.